

22/12 - 10h

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

José Petrúcio Rodrigues de Azevedo



Natal
2008.

José Petrúcio Rodrigues de Azevedo



Futebol e Identidade Nacional

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciado em História.

Orientador: Durval Muniz de Albuquerque

Natal
2008, //

Futebol e Identidade Nacional

José Petrúcio Rodrigues de Azevedo

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Durval Muniz de Albuquerque
Orientador(a)

.....
Prof(a).

.....
Prof(a).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1- O QUE É IDENTIDADE NACIONAL	6
2- CHEGADA E TRANSFORMAÇÃO	10
2.1- Início do futebol no Brasil	10
2.2- Do football ao futebol	12
3- IDENTIDADE EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO	18
3.1- Copa de 1938	18
3.2- Copa de 1950	21
3.3- Copa de 1970	26
4- EXPRESSÃO, EXPANSÃO E DIFUSÃO	31
4.1- A pelada	31
4.2- A cobertura da imprensa	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	44

INTRODUÇÃO

Nascido na velha Inglaterra por volta da segunda metade do século 19, o "football association" logo transpôs os limites das ilhas britânicas para conquistar pés e corações mundo afora.

Hoje em dia, o futebol é o esporte mais popular do mundo. Em praticamente todos os países do mundo ele é praticado e possui ligas e confederações. São bilhões de torcedores em todo o mundo, que torcem pelos seus clubes e por suas seleções nacionais.

O futebol praticado no Brasil, não é simplesmente um jogo, ou uma prática esportiva qualquer, é, para muitos brasileiros, a essência da sua própria vida, algo que confere algum significado a sua existência.

Hoje, passado mais de um século dos primeiros chutes nativos, eis que nos achamos reconhecidos como representantes de um futebol "arte", como donos do "melhor futebol do planeta". Mais do que isso, orgulhamo-nos de ser "o país do futebol".

O futebol está enraizado na cultura brasileira. É um dos poucos motivos de orgulho do povo brasileiro. É uma maneira de o brasileiro extravasar características emocionais profundas.

Mesmo assim, durante muito tempo o futebol foi ignorado no meio acadêmico. Os historiadores, tanto quanto os demais cientistas sociais, de certa forma, durante muito tempo ignoraram a relevância do tema, talvez por não compreenderem a real dimensão que o futebol encontra no seio da nossa sociedade, talvez por medo de se arriscarem em um campo desconhecido.

No presente trabalho procuraremos mostrar a partir das complexas e dinâmicas construções e interpretações do futebol brasileiro, como o futebol se tornou um dos maiores símbolos da nossa identidade enquanto nação.

O que se pretende é buscar as raízes do estreito vínculo que se estabeleceu, ao longo do século passado, entre um esporte de origem estrangeira e a nossa própria identidade nacional, raízes que não estão em outro lugar senão na história.

Assim partiremos de uma breve discussão sobre o que vem a ser identidade nacional para depois apontarmos alguns aspectos significativos sobre a introdução do futebol no Brasil.

Feito isso analisaremos a interpretação feita principalmente por Gilberto Freyre do "jeito brasileiro de jogar" e suas influências, para este intento analisaremos a transformação do "foot-ball" no futebol, partindo do modo de Gilberto Freyre pensar as singularidades da cultura e da identidade brasileira, o que lhe conferia uma diferença frente aos demais países, uma espécie de símbolo identificador.

No segundo capítulo tentaremos estudar a importância que o futebol tem no Brasil, evidenciando-a na importância que a Copa do Mundo possui para os brasileiros, sem deixar de levar em consideração

que nos tempos de Copa, fica notória o uso político do esporte pelas autoridades, a fim de vincular o sucesso nos gramados ao âmbito político.

Por fim atentaremos para uma modalidade futebolística que popularizou o futebol no Brasil, a famosa "pelada", variante do futebol de várzea, com todas as suas particularidades e mecanismos que lhe são próprios estreitando os laços de sociabilidade entre bairros, cidades e dando o "gosto" pelo esporte em todo território nacional. Além de, demonstrar na prática a improvisação, irreverência e plástica do futebol brasileiro.

Auxiliando nessa tarefa está a imprensa seja ela escrita, falada ou televisiva que contribuiu para a difusão do futebol, bem como foi instrumento para varias interpretações sobre, forjando uma imagem do futebol brasileiro.

O que?

1- O QUE É IDENTIDADE NACIONAL

No final do século passado e no começo do século XXI observamos no mundo uma grande quantidade de conflitos relacionados à crise da identidade e integração dos Estados nacionais, que se evidenciaram em Guerras Civis na ex-Iugoslávia, na Tchetchênia, no Afeganistão, no Kosovo etc. O Brasil, porém, ao contrário de muitos outros países, preservou um forte sentimento de integração e identidade nacional. O país permanece unido, apesar das diferenças regionais e sociais.

Vivemos em um mundo que cada vez mais valoriza a diversidade de opiniões, bem como a multiplicidade de valores, idéias, crenças e práticas. Enfim as diferenças são cada vez mais, não só aceitas, como valorizadas.

A identificação, o reconhecimento e a garantia dos direitos das minorias – étnicas, religiosas, sexuais – constituem um inequívoco sinal de aprendizagem político-cultural das democracias contemporâneas. No entanto, uma excessiva valorização das sub-identidades culturais presentes em uma determinada formação social pode colocar em risco a provisória estabilidade das multifacetadas identidades nacionais das complexas sociedades do capitalismo tardio. Tal fenômeno constitui motivo de preocupação em uma sociedade como a nossa, herdeira de um processo de colonização, cujo estado nacional é fruto de um processo histórico cultural recente, formação social marcada por assustadores níveis de exclusão social (MAIA,2008).

Assim sendo, é de fundamental importância a compreensão das transformações dos fenômenos culturais do nosso país, onde as diversidades culturais sejam respeitadas, no entanto, sem esquecer-se de fortalecer os vínculos identitários que nos caracterizam como povo, que nos fornecem uma carga simbólica capaz de dar uma mínima coesão sentimental e política.

A diversidade cultural é apontada como elemento caracterizador de nossa identidade como brasileiros, começando a se forjar, no final do século XIX, a ideologia do “Brasil-cadinho”(ORTIZ,2003,p.36-44), no qual o mito das três raças aparecia como ponto de partida, na construção de uma identidade nacional. Contudo, foi somente durante o primeiro período republicano que projetos de construção da nação adquiriram maior especificidade, na era Vargas (1930-45), uma ideologia nacional ganhou relevância na política, fazendo associação direta entre elementos do que era considerado como cultura popular à época (o samba, o carnaval e o futebol são claros exemplos) com o que de mais íntimo e peculiar haveria na “essência” do brasileiro.

Mas afinal de contas em que consiste essa “essência”? O que é ser brasileiro? Quais são nossos símbolos? Como pode um país com dimensões

continentais, com uma grande variedade cultural ter valores comuns? O que nos identifica como brasileiro?

Para Edgar de Decca “a identidade de um grupo forma-se normalmente por sinais externos e por um conjunto de símbolos ou valores a partir dos quais se opera uma identificação” (2002, p. 08).

De Decca cita como exemplo o futebol que permite ^{nos} sentirmos nos todos brasileiros pelo modo como nos identificamos com ele de forma simbólica e valorativa.

No entanto, as identidades nacionais não são fatos naturais, mas construções.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p.49).

Ainda segundo Hall, pode-se afirmar que: “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (2003, p. 50).

José Mattoso utiliza-se das idéias do psicólogo social Eric Erikson, defende ^{modo} que para identificar qualquer objeto é necessário: distingui-lo de qualquer outro objeto; atribuir-lhe um significado; conferir-lhe um valor,

Assim em primeiro lugar a identidade nacional resulta, antes de qualquer coisa, da percepção ^{de} que os próprios cidadãos têm deformarem uma coletividade humana.

Em segundo lugar, será também necessário advertir que as manifestações de consciência da identidade nacional podem ser diferentes e até contraditórias, conforme os grupos humanos que envolvem e as épocas em que se situam (Mattoso, 1998, p.5).

Por fim Mattoso comenta que a:

Identidade nacional não é apenas um fenômeno mental. Tem sempre um suporte objetivo. É praticamente inconcebível sem alguma forma de expressão política, isto é, sem que em algum momento da história se manifeste através da apropriação de um poder dotado de certo grau de autonomia, sem um pólo espacial e um território determinado, mesmo que esse pólo se transfira para outro ponto e que as fronteiras do território variem ao longo dos tempos e sem

que a autonomia política e o seu âmbito territorial permaneçam de forma contínua durante um período temporal considerável (MATTOSO, 1998, p.7).

Já as descrições apontadas por Benedict Anderson evidenciam o conceito de uma comunidade imaginada, onde todos se manifestam de acordo com uma linha de pensamento e identificação de pertencer a alguma coisa. No caso do futebol, verificamos que uma seleção brasileira é capaz de gerar um forte sentimento de pertença a certa comunidade imaginada chamada Brasil.

A nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida com um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (ANDERSON, 1989, p. 16).

O futebol, de certa forma, provoca uma 'comunidade imaginada' na nação brasileira. Ou seja, uma 'nação brasileira' constituída por um número de indivíduos que fazem parte da sociedade e que se comportam, agem, comungam dos mesmos princípios, que se consideram e se imaginam componentes da dita "nação".

Ainda, segundo Anderson, "ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão" (1989, p.14).

Tal comunidade permite que cada indivíduo se sinta pertencente a uma corrente ideológica pela qual se estabelece um pertencimento, gerando uma identidade e contribuindo para a elaboração de uma memória coletivizada.

Em um país como o Brasil, em que o futebol é um esporte extremamente popular, parte-se do pressuposto de que todos estão interessados nele e, por conseguinte, são capazes de falar sobre ele.

Hobsbawn comenta que:

Deve-se destacar um interesse específico que as "tradições inventadas" podem ter, de um modo ou de outro, para os estudiosos da história moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a "nação", e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado Nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante (HOBSBAWM, 1997, p.22).

Na perspectiva de Eric Hobsbawn, o ideário da nação trabalha constantemente como registro da temporalidade, a própria abordagem do futebol como fenômeno cultural nos aponta para isso. O que é coletivizado no passado glorioso da seleção brasileira ou mesmo na conduta atual nos remete a um registro, a uma elaboração de um discurso memorial que nos fortalece como uma nação, grande, soberana e vitoriosa^(HOBBSBAWN,).

Assim, falar sobre o futebol passa a ser uma forma de falar sobre o país e sobre a identidade nacional.

Procuraremos neste trabalho entender como o futebol passou a ser essa paixão nacional, o esporte-rei em nosso país, mostrando seu sentido para o povo bem como sua utilização pela política.

2- CHEGADA E TRANSFORMAÇÃO



2.1- O início do futebol no Brasil

O jogo de futebol está fortemente difundido hoje na sociedade brasileira, afirma-se que ao nascer o brasileiro herda, entre outras coisas dos seus pais, a paixão pelo futebol, mas quando e como se difundiu esse esporte em solo brasileiro?

O futebol no Brasil foi inserido inicialmente no final do século XIX, o império convivia com o movimento republicano cada vez mais ativo e o abolicionismo se tornara a bandeira de luta das recentes classes médias urbanas, em São Paulo, o capital proveniente do café gerava condições favoráveis a urbanização e ao aparecimento da industrialização.

Transformações radicais deveriam ser feitas para que o nosso país pudesse ser visto com outros olhos diante do dito “mundo civilizado”. A cidade do Rio de Janeiro por ser a capital federal deveria servir como a grande vitrine desse novo Brasil diante do resto do mundo. Para simbolizar a crescente integração da nossa economia ao contexto capitalista internacional daquele tempo, fazia-se necessário que tivéssemos uma capital à altura das grandes cidades européias ou até mesmo das vizinhas, Buenos Aires e Montevidéu.

Diversos esforços foram feitos para tornar a cidade mais “civilizada”, leia-se, mais européia aos olhos de quem chegava de fora. Intervenções urbanísticas como a Reforma Passos (1902 – 1906) e a demolição do Morro do Castelo durante a Reforma Sampaio (1921 – 1923) foram feitas para eliminar os resquícios da cidade colonial, suja, de ruas estreitas, escuras, basicamente africana e portuguesa, transformando-a numa cidade européia de largas avenidas, com construções monumentais (ABREU, 1997, p.59).

Havia uma verdadeira obsessão em se transformar o Rio de Janeiro numa “Paris nos trópicos”. A própria difusão do futebol representava também o esforço de facilitar a inserção do nosso país no contexto capitalista da época.

Nesse terreno propício a mudanças, o então deputado pelo partido liberal Rui Barbosa, em parecer sobre a reforma do ensino primário e das Instituições Complementares e Instrução Pública, recomendou “a prática de exercícios ao ar livre, racionalmente variados, de maneira que todos os músculos funcionassem harmonicamente, enquanto as lições morais do espírito esportivo seriam absorvidas por meio de jogos divertidos e recreativos” (BARBOSA apud SANTOS NETO, 2002, p.14).

Em busca de esportes que se encaixassem no perfil recomendado as principais instituições de ensino do país enviaram observadores a Europa, assim o futebol virou uma opção como auxílio a educação.

Assim, o futebol passou a ser praticado no interior de alguns colégios e por jovens brasileiros que tiveram os primeiros contatos com o futebol na Inglaterra, quando lá estiveram a fim de concluírem os estudos.

Apesar de haverem de fato trazido o futebol para o Brasil, não era o objetivo dos educadores jesuítas promoverem o futebol competitivo, encaravam-no apenas como uma ferramenta de apóio pedagógico.

“Portanto, no que se refere á paternidade do futebol brasileiro, não é preciso nenhum exame de DNA para se concluir que o pioneirismo de Charles Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também”(SANTOS NETO,2002,P.30),e não na implantação do futebol no Brasil. Assim em 1894, coube a um filho de ingleses a tarefa de difundir a prática futebolística no país, tendo inicio um segundo momento de introdução do futebol no país.

Já nos primeiros anos do século XX verificou-se uma difusão do futebol, principalmente nas grandes cidades, onde este esporte gradativamente rompia obstáculos e aglutinava cada vez mais um número maior de praticantes. O seu caráter elitista era um fator marcante no Brasil nos primeiros anos do novo século, de acordo com Pereira, naquele tempo, futebol parecia uma festa para celebrar a identidade bretã (PEREIRA 2000). Se, por um lado havia ainda o caráter elitista do futebol, de outro, a aproximação deste esporte para com outros segmentos sociais era cada vez mais perceptível, *

*Principalmente naquelas áreas onde as pessoas, que, por motivos econômicos ou por posição social, não tinham condições de ingressarem nos clubes de elite. Desta forma o futebol fora se popularizando, ganhando a várzea e os terrenos baldios. (Mais adiante trataremos especificamente sobre o tema).

Segundo Nicolau Sevckenko o futebol ^{se} se difundiu por dois caminhos: “um foi dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem às várzeas, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite”(SEVSENKO,1994,p.36). *

*Os clubes de elite começaram a se organizar e a fazer partidas de futebol entre si. *

*Fundaram-se grandes ligas, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo que continuaram elitizadas até pelo menos a metade da segunda década do século XX.

Os primeiros amistosos entre clubes surgiram em São Paulo nos anos de 1899/1900. A partir daí em 1902, com apenas cinco clubes, se organizou o primeiro campeonato paulista de futebol, cujo campeão seria o São Paulo Athletic que possuía Charles Miller.

Ao mesmo tempo em que os clubes de elite se organizaram e montaram campeonatos, podemos afirmar que os clubes da várzea, formados por operários das diversas fábricas que se expandiam nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, começaram a organizar campeonatos entre si também.

Assim, com a grande difusão que o Futebol tomou no Brasil, conquistando as camadas populares, as ligas tiveram que aceitar times vindos da várzea em seus quadros, Contudo, não sem resistência.

O esporte havia se popularizado de tal forma que em 1923, no Rio de Janeiro, o Vasco da Gama venceu o campeonato estadual com um time composto por negros, mulatos e pobres -, fato que incomodou dirigentes e torcedores que ainda tentavam manter o futebol como um esporte branco e de elite. Era a vitória da técnica dos jogadores populares sobre a imposição elitista ainda presa à tradição britânica.

Mesmo enfrentando a posição das elites, “o povo foi descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro” (MARIO FILHO apud FRANZINI, 2000, p.2).

Gilberto Freyre entende inclusive que o estilo brasileiro de jogar futebol deve-se à influência negra. Esta opinião pode ser encontrada em um artigo intitulado “Foot-ball mulato” (1938), que relaciona a boa apresentação da seleção brasileira na copa de 1938 ao fato de a equipe ter a presença de vários jogadores afro-brasileiros. (Sobre esse estilo nacional discutiremos no próximo capítulo)

2.2- Do football ao futebol

O futebol brasileiro conhecido no mundo inteiro ^{é conhecido} pela sua singularidade, como que se possuísse identidade própria. Nossos jogadores desde jovens são cobiçados pelos grandes clubes, principalmente da Europa que lhes oferecem numerosas vantagens, principalmente estruturais e financeiras.

Desde os primórdios do futebol no Brasil, vários comentaristas já apontavam para esse jeito brasileiro de jogar, e suas prováveis explicações para o nosso “futebol arte”.

Os movimentos de mudanças ocorridos nos anos trinta - a Revolução de 1930 e o golpe que instala a ditadura Vargas em 1937 - as transformações sócio-econômicas efetuadas pelo governo Vargas levaram o meio intelectual brasileiro a promover reflexões profundas acerca da crise da ordem oligárquica e da emergência do Brasil urbano-industrial. O próprio futebol nesse período passou por uma crise de identidade visto que com a profissionalização dos clubes, e em consequência o pagamento de salários aos jogadores, o futebol perdia o objetivo inicial desejado pela elite, que era de um estabelecimento de costumes pautado no modelo europeu. O país foi então “redescoberto” por um conjunto de autores que representaram os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado.

Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Oliveira Viana pertenciam à categoria do pensamento social que surgiu no Brasil com o estabelecimento da República e que se apoiava nas teorias científicas do século XIX sobre evolução humana, pregando a inferioridade genética da raça negra. Nina Rodrigues, uma dos precursores dos estudos sobre o negro no Brasil afirmava que “a Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestes serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (Chiavenato, 1986, p. 171).

Gilberto Freyre é um desses autores que procuram dar uma nova interpretação à sociedade brasileira, nele se via, pela primeira vez com argumentação consistente, a positividade da intensa mestiçagem na população. Positividade esta baseada na riqueza das diferentes contribuições culturais a formar uma nova e rica civilização nos trópicos, caracterizada ainda por baixo grau de tensão inter-racial. Assim Freyre explica o nosso jeito de jogar em função da integradora mistura de raças e classes sociais. Depois da copa de 1938 e a boa participação de nossa seleção ele enaltece nossa fama de jogar, denominando nosso futebol “dionísio” em contraste com as inibidas qualidades “apolônicas” dos brancos europeus.

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência - menos na defesa que no ataque - ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. (FREYRE apud FRANZINI, 2000, p.2)

Foi em um artigo para o Diário de Pernambuco escrito após a vitória sobre os tchecos que o sociólogo-antropólogo anunciou o surgimento de um inconfundível estilo brasileiro de futebol:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus, jogado tão angulosamente, tudo isso

parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE apud MARANHÃO, 2004).

Décadas depois de escrever seus primeiros pareceres sobre o futebol, Freyre ainda reiterava a sua tese de que metaforicamente o foot-ball de origem inglesa, inserido no Brasil no início do século XX havia rapidamente se adaptado à cultura brasileira se transformado no futebol tipicamente brasileiro:

A grande explicação é que o brasileiro recebeu o jogo inglês chamado "foot-ball" e toda terminologia em língua inglesa. Depois é que o brasileiro abrasilou. Mas o brasileiro não abrasilou somente a terminologia. O brasileiro recriou o futebol, e recriando o futebol, aproximou esse jogo – que para os ingleses era um jogo hirto, reto – de uma dança. O futebol brasileiro é realmente uma dança, com grande influência do samba. Você vê sua beleza, pois é um jogo que exercita muito a capacidade improvisadora do jogador. Vários especialistas, que às vezes têm tomado conta do futebol brasileiro e querem fazê-lo voltar a ser um jogo europeu, criticam seu estilo. Pra mim é uma virtude. O brasileiro adaptou o futebol à sua própria vocação para a dança, para o baile, para a agilidade nos pés e nas pernas (Gilberto Freyre, Entrevista ao Diário do Comércio, 1983). FREYRE

Freyre afirmava firmemente que existia uma maior informalidade entre as raças no Brasil, maior do que em qualquer outro lugar do continente americano, e que o negro era mais bem aceito dentro da comunidade. Longe de querermos confirmar a existência da dita democracia racial surgida a partir da obra de G. Freyre, o que se constata é, sim, a forte presença dessa ideologia durante muitas décadas fazendo parte de um senso comum na sociedade brasileira. (FREYRE,).

Às ambigüidades existentes nas tentativas racistas de explicar o Brasil, Freyre opõe a integração das diferenças. Nos termos de Ortiz, "Freyre possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambigüidades de sua própria definição. Ele se transforma em unicidade nacional. Ao retrabalhar a problemática da cultura brasileira, Gilberto Freyre oferece ao brasileiro uma carteira de identidade" (ORTIZ, 1994, p.42).

A influência de Freyre nos estudos sobre futebol é evidenciada principalmente pela obra do jornalista Mário Filho, "O negro no futebol brasileiro" que procura mostrar, baseado no pensamento de Freyre, que o futebol teve uma participação decisiva na democratização racial e, assim, na construção de uma nação integral sem preconceito. Em função disso,

Mário

muitos historiadores consideram que ^{Mário} Filho não teria construído um estudo histórico ou sociológico sobre o negro no futebol brasileiro, mas um romance. () -

Outros historiadores atestam a importância, até como fonte histórica, sobre a ascensão social do negro e sua aceitação no meio social, mas fazem ressalvas e limitações como Gordon Jr. Que diz:

A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não pode ser confundida com a idéia de plena “democracia racial” ou com ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mário Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um processo que, não custa repetir, está longe de seu término (GORDON JUNIOR, 1995, p.74).

Observemos que a comparação trás sempre a associação entre o caráter nacional – conceito da época – e o estilo de jogo. Assim, o dilema permanecia: adotar o estilo inglês ou valorizar a invenção de um estilo nacional?

Esse exclusivismo na forma de jogar futebol está na gênese da construção do conceito de “país do futebol”, criado pela crônica esportiva nacional, essa criação precisou de fatos que efetivassem sua legitimação, assim a vitória na Copa do Mundo de 1958 deu sustentação para tal idéia. A nossa habilidade e criatividade, representada na prática do “futebol arte”, além de nos diferenciar de outras seleções e equipes, seria a grande responsável pela nossa dita superioridade futebolística.

Nelson Rodrigues se mostra herdeiro de Freyre, quanto à análise do nosso jeito de jogar. Ao comparar a Copa de 1950 e a de 1958 afirmou que o brasileiro padecia do “complexo de vira-latas”, uma espécie de submissão voluntária, herdada depois da perda da copa de 1950, mas a vitória em 58 na Suécia, transformou a nossa auto imagem, tornando-nos como um homem genial, repleto de virtudes e qualidade.

O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora. Foi o mistério dos nossos botecos, e a graça de nossas esquinas, e o soluço de nossas cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes, a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana (...) o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem (RODRIGUES, 1999, p.81).

Tomando como fundamentação as opiniões acima mencionadas o sociólogo Roberto da Matta difere o estilo adotado pelo futebol europeu da maneira pela qual evoluiu o futebol no Brasil.

Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino e conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a idéia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnalizante. De um lado há a idéia Ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a idéia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo encantado, onde os deuses existem e falam com os homens. No caso do futebol, falam por meio de seus ídolos. A raiz cultural da polêmica, então, jaz na oposição entre um Brasil que se representa como moderno e um Brasil que se representa como mágico ou tradicional – um Brasil no qual a natureza, o sobrenatural e os homens se comunicam(DA MATTA, 1995,p.7).

Assim, o futebol no Brasil ganhou uma dimensão inimaginável pelos seus introdutores e pela classe política, pois o povo lhe deu um sentido próprio, uma nova natureza, transformando-o em um fenômeno de grande valor interpretativo da sociedade moderna brasileira.

Essa força ~~de~~ demonstrada pelo futebol consolidou nossos laços com a pátria, na medida em que os símbolos da pátria foram utilizados e incorporados ao universo futebolístico nacional.

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pode finalmente juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino, e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo de zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. (...)

(...) Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar o Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo, a confiança em nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional(DA MATTA, 1994,p.17).

(No próximo capítulo procuraremos mostrar mais claramente a apropriação da política nacional do futebol como elemento do discurso

nacionalista de identidade nacional bem como sua função como elemento de controle social.)

3- IDENTIDADE EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO

O futebol é uma das melhores formas de se compreender a sociedade brasileira. HELAL (1997, p. 25) destaca que, “O futebol no Brasil pode ser visto como ^{HELAL} um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”.

Com base no que foi dito acima, é possível concluir que o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie sobre o nosso futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil, principalmente durante uma Copa do Mundo.

Segundo Fernández (1974, p. 49), “durante uma Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo – tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube –, passou a ser um meio de afirmação nacional”, de um Brasil forte, já que é nela que o Brasil se reconhece como potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico.

Na ^CCopa do ^MMundo a seleção Brasileira de futebol representa não só a nossa pátria, nossa maneira de ser, nossa subjetividade, uma identidade nacional homogênea, uma vez que, no nosso imaginário cultural, a seleção está inscrita como a equipe que congrega as características principais da brasilidade, como a criatividade, ginga, alegria e molecagem.

Portanto torna-se fundamental uma análise mais apurada do fenômeno copa do mundo.

3.1- Copa de 1938

A partir dos anos 30, acontece uma estruturação cada vez mais intensa do Futebol, a transição do amadorismo para o profissionalismo foi um marco, o crescimento na divulgação pelo rádio, assim como pelo jornalismo popular tornaram-no espaço de reafirmação, difusão e fortalecimento do projeto nacional estreitando as relações entre o Estado e o esporte, principalmente a partir da segunda metade do governo Vargas.

A Copa do Mundo de futebol disputada em 1938, na França, pode ser considerada como o primeiro grande momento de entusiasmo do brasileiro para com o esporte num âmbito nacional relevante, sendo isso reflexo da crescente popularização do esporte.

O Estado varguista utilizou o futebol para divulgar e implementar sua política nacionalista. Como se percebe em Pereira (2000):

O irrestrito apoio que o jogo passava a receber do governo de Getúlio Vargas durante a Copa do Mundo - quando a delegação tinha como madrinha a própria filha do presidente, Alzira Vargas. Cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo após a implantação do Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na disseminação do projeto político que desejava implementar - intensificando e dando um sentido mais claro ao interesse que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo. (PEREIRA, 2000, P.345).

O futebol deveria estar a serviço da pátria e as vitórias em campo eram símbolos do sucesso do regime varguista, assim, o futebol atendia as pretensões governamentais do presidente Getúlio Vargas, transformando o jogo em elemento de identificação nacional.

A grande cobertura por parte da imprensa brasileira e a repercussão que a atuação da equipe brasileira teve no campeonato, são provas de que os esforços por parte do governo em associar futebol à "brasilidade" lograram demasiado êxito.

Assim, estava montado o cenário para a perfeita união entre o Estado e o futebol brasileiro. Agostino comenta:

Na despedida dos jogadores, um pouco antes do embarque para a França, o presidente fez questão de, pessoalmente, desejar sorte ao selecionado nacional". No entanto, esta união não poderia ser tão perfeita sem a ajuda do rádio. "As sementes da propaganda iam produzindo bons frutos, sendo o rádio um elemento vital: ao inaugurar a transmissão futebolística para a América, este permitia captar as glórias brasileiras em gramados tão distantes (AGOSTINO, 2002, P.144).

Esperava-se que nesta Copa, além do coroamento do estilo de jogo brasileiro, também ocorresse à valorização da raça brasileira, terminologia razoavelmente difundida à época, que seria a síntese de várias culturas e diversas nacionalidades, e da democracia racial, debatida por intelectuais justamente ao longo da década de 30.

Na partida de estréia, realizada no dia 5 de junho de 1938 na cidade de Estrasburgo, o Brasil derrotou os poloneses pelo placar de 6 a 5, No jogo seguinte, disputado em Bordeaux, a seleção empatou com a Tchecoslováquia por 1 a 1. Tendo persistido o empate após uma prorrogação de 30 minutos, nova partida foi marcada. Dois dias depois, o selecionado brasileiro, desfalcado de diversos atletas contundidos,

derrotou os tchecos por 2 a 1, nas semifinais. Brasil foi derrotado pela seleção da Itália por 2 a 1 sendo que um dos gols da Itália foi marcado em um pênalti altamente contestado cometido pelo Zagueiro Domingos da Guia. Com uma vitória sobre a Suécia (4 a 2), o time brasileiro terminou o campeonato na terceira posição.

A derrota brasileira nas semifinais do torneio adquiriu caráter de catástrofe no país, o próprio presidente registrou em seu diário pessoal que "O jogo monopolizou as atenções. A perda do ^{time} brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional" (VARGAS, apud FRANZINI, 1998)

Mesmo assim, o povo reverenciou o talento de jogadores negros, em uma seleção sem cor, pois,

Assim que chegaram ao Brasil, os atletas que estavam na França disputando a Copa foram ovacionados, receberam várias condecorações oficiais, desfilaram em carreata por ruas de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Leônidas da Silva, negro, maior artilheiro da competição, de tão popular, serviu como garoto-propaganda de um novo doce criado à época – seu apelido, "Diamante Negro", serviu para dar nome a um chocolate ainda hoje popular no Brasil (NASCIMENTO, 2008).

O Brasil perdeu a copa, mas foi justamente por ocasião da Copa de 1938 que o sentimento nacional se consolida em torno do futebol. Algumas imagens também se cristalizam em relação a ídolos negros, como o próprio Leônidas da Silva e também Domingos da Guia. Ou seja, o conjunto da população passa a se identificar com uma seleção mestiça, que encontrava respaldo teórico na afirmação de idéias de intelectuais como Gilberto Freire, de valorização da miscigenação, em oposição a teorias de apartamento social, pois graças principalmente a esta mistura, que aglutinou o que de melhor havia em brancos, negros e indígenas e trouxe como consequência a forma de ser do brasileiro é que o Brasil se sobressaia.

O vínculo simbólico entre o conceito de nação e o desempenho da seleção nacional de futebol se consolidara. A mestiçagem, o "mulatismo", o vigor malemolente estavam reunidos tanto na noção de um ideal de povo brasileiro como na sua expressão por meio de um singular jeito de jogar futebol.

Em 1938 o futebol ganhou novos significados para o povo e tomou sentido ideológico para o Estado, que procurou conduzir o futebol nacional à condição de força de primeira grandeza no cenário mundial, com investimentos e patrocínio, "a partir de então, os dirigentes passaram a perseguir esse objetivo não somente como forma de resolver um dilema simbólico relacionado à identidade étnica e cultural do povo Brasileiro, mas, principalmente, como coroamento do modelo de estabilidade política da direção desportiva nacional"(SARMENTO, 2006,p.85).

3.2- Copa de 1950

Ainda em 1938, o secretário-geral do Interior e Segurança do governo Getúlio Vargas, Átila Soares, após enaltecer o papel do Brasil na Copa de 1938, na Itália, como “propaganda da maior eficiência” do país, defendia, junto à Prefeitura do então Distrito Federal a importância da realização de um campeonato mundial em território nacional. Para garantir esse feito, Soares sugeria a construção de uma praça de esportes à altura do acontecimento.

“Todos os países modernos possuem, hoje, stadiuns grandiosos onde não só fazem realizar suas competições desportivas como também suas realizações cívicas de caráter imponente. O Brasil não conta ainda com essa organização, tão necessária à sua formação cívica e física. São essas razões fundadas, aliás, nas linhas mestras da estrutura do Estado Novo que me impelem de (sic) sugerir a v. ex. a construção pela prefeitura de um stadium monumental onde esse e outros certamens internacionais e nacionais possam ser realizados condignamente.” (~~Correio da Manhã, 8/6/1938~~ apud SOUTO 2002, p.10)

Naquele mesmo ano, o jornalista Célio Negreiros de Barros, representante da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) no Congresso da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), realizado em Paris, lançou oficialmente a candidatura do Brasil para sediar a Copa de 1942. A II Guerra Mundial, no entanto, levou ao cancelamento das Copas de 1942 e 1946. Após o termino do conflito, ainda em 1946, a FIFA promoveu um congresso afim realizar uma copa em 1950, a Alemanha, provável sede antes da guerra, que havia organizado os Jogos Olímpicos de 1936, estava semidestruída e nem federação de futebol possuía em 1946. O Brasil surgiu como candidato único, assim é dada ao país a grande responsabilidade de sediar a IV Copa do Mundo, a primeira do período pós-segunda guerra. As autoridades brasileiras entenderam que era um momento de promoverem uma imagem grandiosa do país no exterior e se esforçaram para construir o maior estádio do mundo, e promover um campeonato impecável. (?)

A construção do Maracanã, maior estádio do mundo, insere-se neste discurso de legitimação das possibilidades nacionais, num momento histórico de reestruturação do cenário político internacional. O país teve a incumbência de realizar o primeiro campeonato mundial após a segunda guerra mundial, e nossas autoridades buscaram fazê-lo da maneira mais grandiosa possível.

Em 14 de novembro do mesmo ano, o prefeito Mendes de Moraes assinou lei autorizando a construção do estádio , para isso pôs à venda 30 mil títulos de cadeiras cativas (válidas por cinco anos) e o mesmo número de cadeiras perpétuas. Em 20 de janeiro de 1948, Dia de São Sebastião, padroeiro da cidade-estado, era lançada a pedra fundamental do futuro estádio, à apenas dois anos, cinco meses e quatro dias da data prevista para a abertura da Copa. (?)

A mobilização nacional foi total, o que incluiu a liberação de subvenção federal para a realização do evento.

O maior estádio do mundo começou a ser erguido em 2 de agosto de 1948, com 1.500 homens trabalhando. Nos últimos meses eram 3.000 operários. A arquitetura de formato oval mede 317 metros no eixo maior e 279 metros no menor. A altura do estádio corresponde a um prédio de seis andares. Os ferros utilizados dariam volta e meia no planeta; foram 500 mil sacos de cimento, 60.000 m² de pedras e 45.000 m² de areia. Tanto material exigiu 40 mil viagens de caminhões que, enfileirados, ocupariam toda a extensão da Rio-São Paulo (SUGIMOTO, 2003, p.9).

Essa magnitude foi saudada pelo prefeito Mendes de Moraes como “prova imortal da grandeza de nosso povo” (PERDIGÃO apud SOUTO 2002).

A oposição ao governo, liderada por Carlos Lacerda, sempre se opôs a construção de uma obra tão grande bem como dispendiosa, achavam-na desnecessária.

Os porta-vozes do governo enalteciam a obra como o cartão-postal que vale mais do que o Pão de Açúcar, do que o Corcovado, do que a Baía da Guanabara, porque é obra do homem, uma prova da capacidade de realização do brasileiro.

Nesse sentido GOMES e FREITAS comentam que :

Gomes e Freitas
 “O desporto, e especialmente o futebol nos últimos anos, desempenha o papel de compensação simbólica, na medida em que proporcione e satisfaça os desejos imediatos da deperiferização do país. Também por isso se compreende a substituição dos investimentos nas prioridades sociais pelas obras de prestígio nacional e internacional, na construção de estádios e na realização de provas internacionais” (GOMES; FREITAS, 2002, apud FRAGA, 2006, p.150).

Nota-se, que não somente uma construção colossal como o Maracanã, mas também um evento como a Copa do Mundo, com repercussão global atendiam exatamente aos objetivos do governo de criar uma imagem positiva do Brasil aos olhos do mundo.

“Assim, a vitória era apenas um – embora o maior – objetivo. Mostrar civilidade, organização, urbanização – modernidade, no fim das contas – são também resultados esperados com a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil.”(FRAGA 2006,p.151)

A realização da IV Copa do Mundo de Futebol no Brasil seria utilizada para propagar uma nação que teria um grande destino a cumprir, que empolgaria os europeus por nosso futebol, pela nossa capacidade de

organização e realização, por nossos grandes estádios, por nossas encantadoras cidades e por nosso povo gentil e hospitaleiro. Assim, o Brasil tinha a oportunidade de vender a imagem de um país vencedor ao mundo. De fato, a IV Copa do Mundo seria um “evento que projetaria no exterior todo um modelo de país que se desejava brilhante, criativo, genial, promissor”(MOURA apud ANDRÉ SANTOS, 2005).

O projeto nacional que estava sendo elaborado para a Copa do Mundo, com o objetivo de fazer da competição uma vitrine de uma nação virtuosa, deveria ser obedecido em todos os locais onde se realizassem jogos da competição. Além das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, principais centros econômicos, políticos e esportivos do Brasil, Belo Horizonte, Recife Porto Alegre e Curitiba reuniam condições de sobra para satisfazer as questões que estavam colocadas desde quanto o Brasil se candidatou para sediar a IV Copa do Mundo de Futebol: vender uma imagem positiva do país e de seu povo.

A copa, porém também serviria para reforçar o sentimento de pertença a pátria, entendida aqui como uma comunidade imaginária representada por onze jogadores em campo, como bem salienta Hobsbawm : “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”(HOBBSAWM , 1990,p.171).

A seleção brasileira estreou no dia 24 de junho, contra os mexicanos, no Maracanã. O Brasil venceu sem dificuldade por 4 a 0, dois gols de Ademir, um de Jair e o outro de Baltasar. O time do Brasil já não contava mais com Leônidas da Silva, mas a seleção tinha um plantel excelente. A base era o time do Vasco da Gama, apelidado de Expresso da Vitória.

No gol, estava o confiante Barbosa, considerado um dos maiores goleiros que o Brasil já teve. Na defesa, os destaques eram Augusto e Juvenal. No meio-de-campo, brilhava o futebol refinado de Danilo, Jair da Rosa Pinto e Zizinho, o Mestre Ziza, que, para muitos, foi igual ou melhor do que Pelé. No ataque, jogavam Ademir Menezes e o centroavante Baltazar.

No segundo jogo, disputado no estádio do Pacaembu, em São Paulo, a seleção brasileira ficou no empate de 2 a 2 contra a fraca equipe da Suíça. O Brasil só iria se classificar no último jogo das oitavas-de-final, com uma vitória de 2 a 0 sobre a Iugoslávia, no Maracanã .

No começo do quadrangular decisivo, o Brasil pôde então mostrar seu poderio. Em 9 de julho, o Brasil passeava no Maracanã, aplicando uma impiedosa goleada de 7 a 1 sobre a Suécia. Em 13 de julho, a torcida brasileira voltou a lotar o Maracanã para a partida da seleção contra a Espanha, nova goleada do Brasil , desta vez por 6 a 1. (Revista Placar. Almanaque das Copas. Editora Abril - São Paulo, 1998)

Nossa seleção chegou à partida final com uma das melhores campanhas já realizadas na história. O jogo seria contra o Uruguai e o Brasil precisava somente do empate para se sagrar campeão mundial de futebol. O clima de "já ganhou" era evidente. “Porém, em meio a tanta

euforia, pairavam nuvens sombrias motivadas pela politicagem” (AQUINO, 2002 p.69). A concentração da seleção brasileira, no interior do Rio, foi transferida para São Januário, no sábado porque facilitava a visita de nossos ilustres governantes. Cita Assaf (1998,p.62): “basta dizer que os craques, em meio a tanta confusão, assinaram uma folha em branco, que mais tarde acabou sendo anexada a um manifesto em favor da relegalização do Partido Comunista Brasileiro”.

Para demonstrar como os políticos estavam contando com esta vitória, vemos o discurso do prefeito do Rio, Ângelo Mendes de Moraes, já pouco antes do início da partida final:

Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial (...) vós jogadores que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas (...) vós que não possuís rivais em todo o hemisfério (...) vós que superais qualquer outro competidor (...), vós que eu já saúdo como vencedores (GLANVILLE, 1973, p.68).

No final das contas, fomos inesperadamente derrotados, por 2x1, na descrição de Alex Bellos encontramos uma síntese do que foi aquele dia:

Ghiggia passa novamente por Bigode e entra na área. Ao invés de cruzar a bola como na jogada do primeiro gol uruguaio, Ghiggia chuta direto. Quase sem ângulo. Barbosa é pego de surpresa. Mergulha para a esquerda, mas era tarde “GOOOOOL do Uruguai”, narrou Luiz Mendes, locutor da Rádio Globo, automaticamente e com firmeza. Ele repetiu, perguntando sem acreditar: “Gol do Uruguai?” E respondeu para si mesmo: “ Gol do Uruguai!” Repetiu as mesmas três palavras mais seis vezes seguidas, cada uma numa entonação de choque. O templo do futebol estava silencioso como um túmulo. Ghiggia disse muitos anos mais tarde: “Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã: Frank Sinatra, o papa João Paulo II e eu.” “O gol de Ghiggia foi recebido em silêncio por todo o estádio. No entanto, sua força fora tão grande, seu impacto de tal forma violento, que o gol, um simples gol, parecia dividir a vida do brasileiro em duas fases distintas: antes e depois dele”, anotou o escritor João Máximo. Os jornais noticiaram que no Uruguai três torcedores morreram de emoção ouvindo o inesperado desfecho pelo rádio. No Rio um homem de 58 anos teve um colapso em casa(BELLOS,2002,p.52-53).

A tristeza da inesperada derrota do Brasil frente o Uruguai, em um Maracanã inundado de gente, calou fundo no brasileiro. O antropólogo Roberto Da Matta analisou esta derrota como “a maior tragédia da história

contemporânea do Brasil” (DA MATTA 1986, apud ANDRÉ SANTOS 2005, p.1). Já Joel Rufino dos Santos a caracterizou como “o dia mais triste da História do Brasil” (SANTOS, 1981, apud ANDRÉ SANTOS 2005, p.1). Para Nelson Rodrigues: “cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como Hiroxima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroxima, foi à derrota frente ao Uruguai, em 1950”. (RODRIGUES, 1984 apud ANDRÉ SANTOS 2005, p.1).

O sentimento de tristeza absoluta que atingiu o povo brasileiro foi levemente suavizado pelo sucesso logrado pela competição.

Assim, a realização da IV Copa do Mundo no Brasil, aliada à construção de grandes estádios, representou um momento-chave de afirmação da força e popularidade do futebol. Mediante o evento especial, o Brasil procurou mostrar ao mundo a capacidade e as qualidades de seu povo.

O trecho a seguir revela alguns pontos importantes, pois tratasse da opinião do líder da federação internacional de futebol:

Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou-se M. Rimet com evidente satisfação. O Brasil é o país dos contrastes – disse ele. Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir.

Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra “amanhã” no Brasil. “Vamos deixar para amanhã”. No entanto, a organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com extraordinário sucesso desportivo e financeiro. Não se pode pedir mais (~~Correio do Povo~~, apud FRAGA, 2006, p.153).

Percebemos que a Copa de 50 desmentiu uma imagem de apatia do povo e, principalmente, provou ao mundo nossa capacidade de materializar grandes feitos. Como também para estreitar os laços de afinidade do povo que de fato se viam unidos pelo selecionado nacional. Não conquistamos a copa, mas conquistamos na copa um vínculo pátrio nunca visto até então e um desejo que vencer a copa adquiriu características de política nacional como veremos na copa de 1970 a seguir.

3.3- Copa de 70

Desde a metade da década de 60 até o começo da década de 70, predominava no Brasil índices econômicos positivos, para o governo, isso facilitava a tarefa de justificar as medidas antidemocráticas. Ex?

Tal crescimento da economia significava também aumento da oferta de empregos na indústria. Foi uma época em que a classe média realizava seus sonhos comprando carros e eletrodomésticos. Foi nesse contexto político e econômico que a seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo no México e o Brasil se tornou o primeiro país tricampeão. Qual? Qual?

O clima de ufanismo disseminado no período Médici foi alimentado por dois fatores básicos: a explicação da vitória do Brasil na Copa do Mundo como consequência do apoio do governo à seleção "canarinho", aproveitando a paixão do brasileiro pelo futebol, e o uso da propaganda para a construção da imagem de país em acelerado crescimento econômico, refletido na melhoria de vida do povo.

O milagre brasileiro, idéia-força do discurso ufanista, se apresentava como evidência do sucesso da política econômica e era enunciado pelas obras grandiosas de infraestrutura em construção, implantação de tecnologia avançada e ampliação do mercado consumidor. A melhoria do nível de vida do brasileiro foi creditada essencialmente como resultado do esforço conjugado entre governo e povo (MATOS, 2003, p.55).

Além da tortura e da repressão, o governo Médici usou a propaganda como arma política. O presidente Médici era apresentado como um homem do povo e apaixonado por futebol. Uma matéria publicada pela Folha de São Paulo no dia seguinte a conquista do tricampeonato no México descreve de forma antológica essa relação:

Ao termino a partida o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o palácio e saiu no meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs que diziam 'se o Zagalo soubesse heim presidente' (FOLHA DE SÃO PAULO apud GUTERMAN, 2006, p.62).

Para a apropriação do futebol no discurso político a estratégia foi vincular o sucesso do futebol a projetos oficiais.

Ao receber o título de Doutor ¹⁾Honoris Causa ²⁾ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o presidente retoma a definição de democracia adequada às especificidades nacionais, ressaltando que:

[O] homem não foi feito para a democracia, mas a democracia é que foi feita para o homem”, nada mais natural do que esta se afeiçoar “às exigências de nossas condições sociais e não às das sociedades alienígenas, notadamente quando é certo que alguns dos regimes aí vigorantes nem sempre viveram em odor de santidade (MÉDICI apud MATOS,2003,p.52).

A cobertura da imprensa esportiva destacava, em seus informes e reportagens, a importância do conjunto, do espírito de equipe. Era o sentimento que parecia estar em consonância com o que se queria gerar na sociedade como um todo. A imprensa esportiva exaltava muito mais a equipe em detrimento de valores individuais. A seleção era composta de grandes jogadores, mas todos eles exaltavam muito mais o grupo do que os valores individuais.

O presidente Médici era conhecedor do futebol, o acompanhava como um torcedor fanático arriscava placares dos jogos, dava palpite nas escalafões da seleção, e foi justamente por um desses palpites que João Saldanha se desentendeu com o presidente, pois Médici queria que Dario, o Dadá Maravilha, fosse convocado, o que irritou o treinador, que teria dito: “O presidente não escala meu time e eu não escalo o ministério.” A declaração ajudou a causar a demissão de Saldanha, um esquerdista que nunca foi bem-visto pelos militares.

Se, em 1938, o governo do Brasil estava tentando afirmar a República e em 1950 se pretendia mostrar um Brasil moderno e civilizado, em 1970, se precisava ^{se} afirmar os militares no poder e, para isso, não economizou ^{se} esforços, visto que:

^m Nesse período, o Brasil conseguiu inúmeros títulos, além da copa do mundo. Conquistou o campeonato mundial de tortura. Prendeu, aleijou e matou. Não deixou vestígios. O futebol era cúmplice. Escondia a face dos ditadores. Transformou-se na grande mentira nacional, superior à das autoridades do governo Médici(RAMOS, 1984, p.38).

Inquirido, em 1972, sobre a ditadura militar no Brasil, Pelé respondeu: “ não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós e nos governam com tolerância e patriotismo”(LEVINE, 1982,p.38).

Independente de discussões de como a ditadura era vivenciada e entendida no Brasil pelos mais variados segmentos sociais, o que poderia

levar Pelé a não senti-la, o futebol, de certa forma, funcionaria como se estivesse disfarçando a ditadura estabelecida.

Tal utilização do futebol pela ditadura, justificava a posição de parte da esquerda brasileira em considerar o futebol como nocivo, pois disciplinava as mentes e os corpos a uma obediência serviu aos patrões, bem como mistificava a realidade, reduzindo a compreensão das condições materiais e sociais.

Roberto Ramos sustenta que o futebol “mistifica a realidade, escondendo a injustiça social. Ao mesmo tempo legitima os privilégios anti-sociais da classe dominante, conduzindo a um comportamento acrítico, mantém o proletariado escravizado aos grilhões do desemprego e do salário mínimo” (RAMOS, 1984, p.23).

O futebol se caracterizava então como o “ópio do povo”, como instrumento de manipulação e alienação das massas.

O problema dessas leituras é que não conseguem compreender a complexidade do fenômeno analisado, como sugere Da Matta que, embora insira o futebol dentro da indústria cultural, “dentro mais extremados objetivos capitalistas e burgueses, ele também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares” (DA MATTA, 1994, p.12).

Percebemos, portanto, que o futebol é polissêmico, como todo fenômeno social tende a ser, ele ao mesmo tempo em que sublima a massa da miséria cotidiana no sucesso passageiro de um jogo, também é fonte de identidade de grupo, bem como agente de uma construtiva integração nacional, e esses dois papéis não só coexistem como se completam.

Faz-se necessário ressaltar que em 1970 o Brasil já era bi campeão da Copa do Mundo, e em função disso a partir de 1962 informa Marcos Alves de Souza, “o Brasil começou a ser considerado internamente como o ‘país do futebol’, fato explicado pelo êxito obtido em duas copas mundiais consecutivas. Isto possibilitou que um discurso antigo sobre uma ‘brasilidade’ no futebol se tornasse o discurso oficial sobre o futebol brasileiro” (MARCOS SOUZA, apud CANDICE DE SOUZA, 2003, p.68).

Nesse sentido é fundamental observar a notória omissão da imprensa nos dias de hoje de referências à preparação física dos atletas, que começou a ser implementada depois do insucesso do Brasil na Copa do Mundo de 1966, pois para muitos profissionais da época era necessário enfatizar a preparação física de nossos jogadores, a fim de nivelá-los aos ingleses. Surgem, então, as comissões técnicas de preparadores físicos, a maioria de formação universitária e alguns até mesmo saídos de escolas militares.

Como o futebol se tornou fonte de afirmação do que é “ser brasileiro”, tornou-se fundamental, para a afirmação da identidade, o esquecimento da rotina do treinamento e da disciplina como aliados da conquista de 1970. Esse tipo de rememoração colocaria em jogo a imagem romântica da autenticidade do futebol brasileiro.

Ao consultarmos as narrativas jornalísticas de 1970, poderemos observar que a Seleção de 70 significa uma ruptura em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo em relação às Copas anteriores. A Comissão Técnica daquela seleção teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico e sobre adaptação em altitude na época. O método de adaptação à altitude e os estudos sobre a influência da temperatura nas atividades físicas foram fundamentais na competição. Os conhecimentos científicos e as tecnologias do treinamento foram fortes aliados da competência técnica dos jogadores. Todavia, tanto os conhecimentos aplicados quanto alguns dos responsáveis pelo processo de organização e planejamento da Seleção de 70 são esquecidos ou secundarizados em louvor exclusivo aos “jogadores-heróis” (Pelé, Tostão, Jairzinho etc.). O esquecimento ou a secundarização das imagens de disciplina, de esforço, de planejamento e de rotina do treinamento, são funcionais, na medida em que não se ajustam às imagens identitárias do “futebol-arte”, da “genialidade”, da “criatividade” e, entre outras, da “malícia” ou “malandragem” do jogador brasileiro (SOARES, 2004, p.113-130) ”

Os esquecimentos na atualidade sobre o processo de racionalização e treinamento árduo da Seleção de 70 reforçam as saudosas imagens em que os gols de Pelé, de Jairzinho e os passes de Gérson parecem fáceis e apenas revelam uma identidade brasileira no futebol.

“As narrativas mitificam os jogadores brasileiros como artistas naturais, esquecendo-se do aparato científico e das narrativas científicas que aparecem nos jornais no período da Copa de 1970. É como se a ciência fosse desmerecer o talento” (HELAL; SOARES; SANTORO, 2004, p.67).

A lembrança da Seleção de 70 parece funcionar na imprensa como referência para avaliar a qualidade do futebol no presente e informar o que deve ser o futebol brasileiro visto que aquela seleção se tornou símbolo do futebol arte, elemento distintivo da nossa identidade nacional.

A preparação física ajudou o Brasil a vencer todos os seus jogos, batendo na final a Itália por 4 a 1, tal vitória da seleção brasileira, foi bastante explorada pela propaganda do governo Médici em slogans do tipo “Ninguém segura este país” ou “Brasil; ame-o ou deixe-o”.

Se depois do fracasso de 1966 quando o Brasil foi eliminado precocemente da copa faltava a nossa seleção a compostura e a agressividade coordenada dos europeus, depois da brilhante vitória no México a exploração das características demonstradas pelo nosso selecionado foi aplicada às demais áreas da vida nacional pelas elites.

No jornal “O Estado de São Paulo” Fernando Pedreira comentava sobre o sucesso brasileiro na copa:



Mais do que em qualquer outro país o futebol é entre nós uma profunda paixão nacional, já não somos apenas o país do carnaval, de que falava Jorge Amado há 30 ou 40 anos. Somos o país do futebol, que é certamente um progresso. A seleção brasileira de futebol demonstrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente de seus deveres quanto as que mais o fossem. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramos-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a individualidade, a indisciplina, o individualismo. País do carnaval? Nem tanto, com um pouco de sorte, uma copa do mundo pode ser ganha na base da improvisação e do virtuosismo. Mas para jogá-la como jogamos, desta vez, é preciso que a nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade -e até de riqueza material- que o Brasil talvez tenha atingido(~~FOLHA DE SÃO PAULO~~ apud GUTERMAN,2006,p.42).

A copa de 1970, aliada a euforia do 'milagre econômico' deflagrou uma verdadeira febre futebolística no Brasil, o povo estava cada vez mais envolvido com o futebol, o governo então se encarregou de aparelhar a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) criando estruturas administrativas para controlar o esporte no país, assim é organizado em 1971 o campeonato brasileiro de futebol, em substituição ao antigo torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, que era disputado somente por times do sul e sudeste do país, assim com times de todo o país o governo difundiria o futebol, criando um esquema de integração nacional. Em 1971 o campeonato contou com apenas 20 times, mas, com o desgaste cada vez maior da ditadura, a tática era aumentar o numero de times no campeonato afim de conferir credibilidade e simpatia ao governo, o campeonato de 1979 contou com 94 times, era a época do bordão "Onde a Arena vai mal, mais um clube no nacional. E onde a Arena vai bem, mais um clube também" se tornou um lema marcante da política dos governos militares, que se utilizaram do esporte para garantir o poder da Arena, partido de sustentação do regime. (?) -

Outra herança da euforia vivida em torno da copa de 1970, além da criação do campeonato brasileiro, que atendia as necessidades do governo de auto propaganda, além de ser um ambiente para realização da política de unidade nacional, foi a instituição da loteria esportiva semanal, onde além de se produzir recursos financeiros a loteria contribuía para uma desejada unificação do território nacional, uma vez que "forçou os torcedores a estudarem as perspectivas das equipes do país inteiro, conscientizando da geografia e contribuindo em larga escala par quebrar o provincialismo regional tradicional"(LEVINE, 1982,p.42).

4- EXPRESSÃO, EXPANSÃO E DIFUSÃO

4.1- A pelada

“é numa pelada que a gente se sente livre,
que a gente se sente brasileiro”

(Ronaldinho Gaúcho, em entrevista publicada no jornal
O GLOBO de 16 de fevereiro de 2003, p.45)

Como vimos em Sevcenko, o futebol no Brasil se difundiu por dois caminhos diferentes, um deles era o caminho das elites dentro dos clubes, seguindo o patrão inglês de jogo como uma incorporação de costumes modernos, o outro foi o caminho dos operários das fabricas e estradas de ferro, que permitiam que seus funcionários jogassem, esses por sua vez o levaram para a periferia onde moravam, jogando em campos improvisados, o futebol logo ganhou a simpatia da população mais pobre. (SEVCENKO,).

Assim “desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja. A sociabilidade de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol” (SEABRA apud MARCARENHAS, 2002, p.5).

Inicialmente, o futebol varzeano era tido pelas elites como o encontro de vadios a serem disciplinados ou mesmo perseguidos pela polícia. A imprensa de época estabelece uma clara distinção entre o futebol das elites, elegante e bem organizado, e o futebol varzeano, como se fossem modalidades e práticas sociais completamente diferentes e até mesmo opostas.

A resistência aristocrática à popularização do futebol era notória, com suas elites desejosas de europeização e de afirmação de distinção social e afirmação de nobreza.

O futebol, conforme Sevcenko está intimamente relacionado à urbanização e aos fenômenos de migração, substituindo os antigos laços e instituindo novos traços de identidade e de solidariedade coletiva. (Ver SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, Metrôpoles e Desastinos”. pp.33-36).

Assim obedecendo a uma expansão urbana e industrial, o projeto de reordenamento arquitetônico dos espaços urbanos criou elementos capazes de anunciar e incorporar à população novos hábitos, costumes e valores urbanos.

O povo brasileiro incorporou, assimilou e foi recriando o futebol. Reinvenção que teve como base à pelada, um jogo informal, improvisado, simplificado em regras e equipamentos, que se realiza em qualquer lugar, da várzea ao fundo de quintal ou à beira da praia.

A pelada é aqui compreendida como fenômeno social, principalmente dos lugares periféricos.

O futebol brasileiro popularizou-se durante os anos formativos por que complementava a expansiva disposição urbana. De região a região, forneceu-se uma linguagem de experiências comuns a uma população cada vez mais móvel, carente de símbolos nacionais.

Eclea Bosi no livro *Memória e Sociedade- lembranças de velhos*, mostra o relato de um certo Amadeu; ^(itálico)

Comecei a jogar futebol com nove anos, naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea, na vila Maria, no Canindé, na várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol, agora tudo virou fabrica, prédios de apartamentos. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por vinte metros acabou vendendo pra fábrica. (...) hoje não jogam nem dez por cento daquilo que jogavam naquele tempo, por falta de campo, de lugar. Não tem onde jogar (BOSI apud WITTER, 1982, p.71-72).

A difusão do futebol enquanto prática popular de entretenimento se insere na própria formação da classe operária paulistana, como elemento de sua cultura. Certamente, o grande número de imigrantes e operários contribuiu para a rápida popularização do futebol em São Paulo. Nas palavras de Fátima Antunes:

Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobre tudo nos bairros operários, situados ao longo das estradas de ferro (...) A cidade vivia intensamente a experiência do trabalho fabril e passava a conhecer a necessidade imperativa de sociabilidade e lazer; sobretudo aos domingos. Os clubes de várzea mantinham equipes de futebol e promoviam atividades sociais (...) Além destes, tornavam-se comuns os clubes formados a partir de empresas, fábricas ou grupos profissionais (ANTUNES 1998, p.92).

A modalidade mais conhecida na várzea é a famosa “pelada” que é aqui compreendida como fenômeno social que recorta as paisagens, principalmente dos lugares periféricos, constitui-se como a instância mais amadora do futebol. A pelada furta as regras do futebol profissional, acontece em qualquer lugar e a qualquer hora do dia ou da noite e suas regras das peladas são flexíveis. As peladas ainda podem apresentar várias modalidades – dupla de pênalti, gol dentro da área, cascudinho, olé, e outros. A escolha dessa ou daquela modalidade está ligada a dois elementos. Primeiro, o gosto do peladeiro por uma ou outra; segundo, o espaço para a prática e o número de peladeiros.

Ao contrário do futebol profissional, as peladas independem de uma série de pré-requisitos (gramados, árbitros, regulamento, bolas oficiais, 22 jogadores, jogo de camisas...). As exigências para uma pelada são bem

menores. Numa pelada tudo pode ser, e comumente é arranjado na hora, desde os jogadores, passando pelo campo e as traves, chuteiras, jogos de camisa, até a bola. Não se tem um padrão para o campo, o gol, a bola, o número de jogadores, e nem mesmo regras rígidas a serem seguidas por todas as peladas.

O vigor do futebol como processo social é uma construção histórica. De acordo com Mascarenhas;

A montagem deste amplo cenário é fruto dos processos articulados de formação de uma nação (e toda a sua carga simbólica) e de estruturação de um território em acelerada urbanização. Inicialmente funcionando como apenas mais um modismo importado dos ingleses, prática restrita aos poucos jovens da elite republicana, o futebol se popularizou rapidamente. Sua difusão espacial expressiva permitiu que se tornasse uma poderosa instituição nacional (MASCARENHAS, 1998, p.93-94).

O futebol no Brasil não interessa apenas às grandes aglomerações humanas, mas, igualmente, aos pequenos núcleos que vão desde as fazendas até as pequenas cidades, sedes de município, lugarejos e outros. Conforme Castro (~~CASTRO 1962~~, apud Silva; Chaveiro, 2007 p.3), “a capela e o campo de futebol são os seus elementos substanciais. O campo de futebol inverteu a história das povoações. Antes, os lugarejos nasciam em redor da capela”. No mesmo sentido, Alencar (~~ALENCAR 1970~~, apud Silva; Chaveiro, 2007 p.3) afirma que, “a paisagem das pequenas cidades e vilas sertanejas já não se limitava ao prédio velho da cadeia e a pracinha com a igreja. Agora o campo com balizas passaria a integrá-la em definitivo”.

Podemos afirmar que os agentes responsáveis pela disseminação e popularização do futebol sintetizam bem a famosa capacidade de improvisação do povo brasileiro. Nas “peladas”, a bola pode ser substituída por diversos outros objetos; bola de meia, coco, papel. O campo de jogo pode assumir os mais diversos tamanhos e formatos, moldando-se ao terreno no qual a peleja é disputada. A própria superfície tanto pode ser de grama, terra, areia ou cimento. Não é preciso usar uniforme completo, distingue-se os times muitas vezes como os de camisa e os sem camisa, a largura do gol pode muito bem ser delimitada por árvores, pedras, pedaços de pau. Isso tudo, aliado à simplicidade das regras do jogo onde a lei mais complicada de todas, a do impedimento, é solenemente ignorada nesse tipo de disputa. Dessa forma, o “peladeiro” simbolizaria o povo brasileiro, que precisa usar da sua habilidade para driblar os obstáculos que lhe são impostos pela vida afora, representados, no campo de jogo, pelos zagueiros adversários, árvores, buracos, animais,

canos de irrigação e tudo aquilo que lhe aparecer pela frente. (MARCAREHAS, 2002).

Nas últimas três décadas, fatores diversos como expansão brutal do tráfego de veículos e especulação imobiliária proporcionaram uma forte redução no número de campos de várzea na cidade de São Paulo, embora se note uma quantidade expressiva destes na periferia metropolitana. Ao mesmo tempo, proliferaram campos fechados, de acesso pago, de uso social muito restrito.

Rapidamente o futebol ultrapassou os muros dos fechados recintos da colônia inglesa para ganhar os estabelecimentos escolares e clubes nacionais da burguesia, e a seguir as ruas. O fato desta cidade concentrar um crescente número de estabelecimentos industriais favoreceu a difusão do “futebol de fábrica”, incentivado pelas próprias empresas, como forma de cooptação do trabalhador, fazendo-o vestir a camisa da empresa. Ao “contar” com a vastidão das várzeas como espaços intersticiais que durante muito tempo resistiram ao uso capitalista, a cidade permitiu a disseminação de campos de futebol informal, objetos geográficos que expressam e articulam uma vasta rede de bairros populares.

A partir da década de 1950, a especulação imobiliária e as constantes intervenções no espaço urbano, sobretudo aquelas dedicadas à modernização da malha viária levaram à redução brutal da extensão das várzeas, tradicional espaço da cultura popular de todos os grandes centros urbanos. Neste processo, o futebol varzeano sofreu irreversível encolhimento,

Ainda assim a várzea não morreu, ela ainda sobrevive, mesmo que não se tenha mais tantos campos como nos tempos de Amadeu, muitos jogos ainda acontecem, quando alguns jovens se apropriam de terrenos baldios para iluminar, aos dribles, este lado escuro da metrópole.

Como escreveu WITTER, “a várzea tem conseguido sobreviver porque ela é acima de tudo, um estado de espírito. Por isso afirmo e reafirmo: A VARZEA NÃO MORREU e certamente sobreviverá a todos os obstáculos que a ela se interpuserem” (WITTER, 1982 p.101).

4.2-A cobertura da imprensa

Embora hoje o futebol seja o esporte mais explorado pela mídia, em 1894, o esporte, não foi muito valorizado pela imprensa. Em entrevista a Tomás Mazzoni, Charles Miller confessou que foi até alguns jornais “quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei dos jornais de então que dessem curso a notícia do prélio realizado, pois a resposta de

“O Estado de São Paulo”, “A Platéia” e “Diário Popular”, foi uma só: “não nos interessa semelhante assunto”. (MAZZONI apud WITTER 1982, p.79)

No início do século XX, a imprensa esportiva ainda não tinha o espaço que tem hoje. A explicação é simples. O futebol, ainda não era o esporte preferido dos brasileiros. Assim não interessaria a nenhum jornal cobri-lo, pois pouca gente teria interesse em saber sobre futebol.

Com a crescente popularização do esporte, a imprensa passou a dedicar algum espaço ao esporte, assim literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, Graciliano Ramos, e Monteiro Lobato, escreviam esporadicamente crônicas em jornais dedicadas à temática do futebol.

(~~Por razões que fogem da nossa linha de pesquisa~~) Cada autor se posicionava ^{se} em relação ao futebol de maneira singular, Lima Barreto e Coelho Netto, discutiam freqüentemente o futebol, para Barreto longe de identificar no esporte a possibilidade de progresso social, atribui a ele um potencial degenerativo e propagador do preconceito, Netto partia em defesa do esporte como meio de regeneração da raça brasileira e conseqüente elevação social do país. Graciliano Ramos escrevia falando que o futebol era apenas mais uma novidade, mas que era como fogo de palha e logo sumiria, Lobato entendia-o como um registro de modernidade.

Contudo, não existia uma periodicidade em relação ao futebol, mesmo que segundo Robert Levine (1982, p.25) “já em 1913 reportagens sobre uma única partida cobriam uma pagina inteira”, mas a cobertura esportiva feita por repórteres em tempo integral ainda não existia antes da década de 30, quando a atividade da imprensa tornou-se um ator de peso em defesa da profissionalização do futebol. Pois a transição do amadorismo para o profissionalismo foi ajudada substancialmente pelo crescimento da divulgação do futebol já no rádio, em meados dos anos 30.

Na época, o jogo era relatado com certa frieza, sem muita emoção. E, como não havia TV, eram os jornais que publicavam um esquema do campo de futebol, cheio de quadros, indicando a colocação dos jogadores. Este recurso serviu durante algum tempo para ajudar o ouvinte a “visualizar” as quatro linhas principais do campo e as subdivisões, além de permitir que acompanhasse a movimentação dos jogadores. O recurso gráfico prevaleceu por algum tempo, até o campo de jogo estar memorizado por todos os amantes do futebol e, posteriormente, pela grande maioria da população.

O locutor narrava: “agora o jogador fulano está na quadrícula seis, passou para a sete”. Naquela época as irradiações eram feitas pelo telefone e os locutores saíam correndo do campo para contar os lances do jogo, já que não havia telefone sem fio, celular, ou satélite. Só depois as transmissões esportivas viraram “óperas sonoras”, superando e trazendo outra conotação para o próprio espetáculo (BAUMWORCEL, 1999, p.61).

Com a popularização entre as camadas desfavorecidas, as expressões em inglês do futebol foram traduzidas. O rádio passou a investir cada vez

mais nas transmissões esportivas na fase conhecida como “época de ouro”, nas décadas de 40 e 50.

Assim, para acertar a sintonia com o ouvinte das camadas populares, foi necessário aportuguesar as palavras em inglês que descreviam as posições dos jogadores, do campo e dos lances. Corner virou escanteio, goalkeeper tornou-se goleiro, field o campo de jogo, referee era o juiz, linesmen, os bandeirinhas, off-side passou a ser impedimento. As posições dos jogadores também se aportuguesaram. O center-half virou centro-médio e, mais recentemente, cabeça-de-área, os backs se tornaram beques ou zagueiros. Definitivamente, o futebol aprendeu a falar português.

Contudo, o jornalismo esportivo sempre foi considerado atividade de menor importância editorial durante grande parte do século passado. Verificamos que a profissão de jornalista esportivo, assim como o jornalista policial, era mal vista, aliás, qualquer pessoa realizava essa função, porque se entendia que de futebol qualquer pessoa sabia o suficiente para escrever para o jornal e existia até preconceito em relação às pessoas que desempenhavam esse papel.

Coelho registra esse fato:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades (COELHO, 2003, p.9).

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos “cronistas” trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o “cronista” tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos “cronistas” e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples “bico”, tanto podia ser “cronista” de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo. Não havia especialização (NEIVA, apud PEDROSA, 1968, p.9). As atuais editorias de esporte e a presença de cadernos específicos nos grandes jornais só surgiram no final dos anos 60. Antes disso, no entanto, surgia no Rio de Janeiro, em plenos anos 30, o *Jornal dos Sports*, primeira publicação destinada exclusivamente à cobertura esportiva, fundada por Mário Filho.

Assim, somente a partir de Mário Filho e seu círculo de influências, centrado no *Jornal dos Sports*, é que surge a crônica esportiva

italiano
italiano

propriamente dita. O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 30, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos em suma, do próprio espetáculo.

Mário Filho transformou a notícia em fato esportivo, acrescentando-lhe dramatismo, aproximando o torcedor do jogador e da vida do clube e favorecendo, assim, os processos de identificação (ANTUNES, 2004, p.125).

Segundo o site atual do Jornal dos Sports:

O jornal buscava, através do futebol, a construção de uma identidade nacional. O veículo de informação foi o principal divulgador da Copa de 1938. Reforçou-se a idéia de que aquela não era uma mera disputa esportiva, mas sim uma afirmação da força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. Houve forte identificação da população brasileira com as crônicas esportivas do jornal. Apesar da derrota da seleção brasileira para a italiana, o jornal proporcionou um grande impulso no sentimento nacionalista (JORNAL DOS SPORTS, 2008)¹.

José Sérgio Leite ^{opes} LOPES afirma que a invenção do jornalismo esportivo constituiu um fator de peso no processo de popularização do esporte, principalmente do futebol. Ao traçar a trajetória da imprensa esportiva a partir da biografia do jornalista Mário Filho, o referido autor destaca que, na ausência do jornal e do rádio, o esporte brasileiro não consolidaria um público de massa.

A invenção ou a transformação de uma prática esportiva não depende unicamente da transformação das convenções definindo as regras explícitas do jogo (...), ela tem implicações nas condições materiais e financeiras, mas também 'morais' de sucesso, conjunto de fatores que Mário Filho, um dos inventores desse novo jogo social, soube aperfeiçoar reinventando ao mesmo tempo sua própria profissão (LOPES, 1994, p.66).

A imprensa esportiva, durante a década de 50, também se tornou realizadora de jogos e campeonatos esportivos. Com a intenção de criar fatos esportivos, para preencher os vazios do calendário de competições coordenadas pelas federações. Assim, mais do que noticiar, a imprensa esportiva apresenta-se como a promotora dos eventos. Dentre os vários

¹ O site atual do Jornal dos Sports é www.jsports.com.br. O site apresenta um breve histórico da empresa além de uma evolução da linha editorial e do projeto gráfico, desde os anos 30 até os dias de hoje.

eventos idealizados e realizados por Mário Filho e o seu "Jornal dos Sports", destaca-se um evento esportivo que se caracterizou como um relevante momento da vida social e política do Rio de Janeiro nas décadas de 50 e 60, tendo sido, inclusive, reproduzido em outras cidades. Como apresenta Lopes:

Desde 1949, ele [Mário Filho] patrocina em setembro (o mês da Independência), através do seu jornal, os "Jogos da Primavera", reunindo a juventude dos clubes e dos colégios e liceus do Rio em várias modalidades de esporte amador. Todos os anos os diferentes presidentes da República até 1965 (Mário Filho morre em 1966) comparecem nas tribunas de honra ao lado do inventor e promotor desse evento esportivo e escolar. Ele parece ser consciente desse seu papel político através do esporte (LOPES, 1994, P.78).

O jornal se apresenta para nós como um veículo de manutenção e construção de um passado que assume significados no presente da notícia no caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição.

Assim é notória a influência da imprensa na construção da identidade nacional por meio do futebol:

Tal característica é patente nas revistas esportivas que no início dos anos 60 já se responsabilizavam também pela coesão brasileira. Em editoriais claros A Gazeta Esportiva Ilustrada se autopromovia assumindo-se como órgão da unidade nacional, pois é lida do Oiapoque ao Chuí, extremos Norte e Sul deste grande país (BOM MEIHY, 1982, p.14)

A importância das mídias para a consolidação dos esportes através é indiscutível, o que da fundamentação para a assertiva de que:

É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ignorado. As notícias e as matérias dos jornalistas sobre os esportes foram e são elementos constitutivos do jornalismo e do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para cinemas, televisão, e o próprio cinema, com rosário de filmes que focalizam os esportes, os esportistas e os torcedores, foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos Para os pesquisadores em história e sociologia dos esportes, o jornalismo foi e ainda é uma importante base de dados e de interpretações. (...) O jornalismo é uma fonte insubstituível de conhecimento empírico e compreensão de processos (LOVISOLO, 2001, p.77)

No ano de 1950 marca o surgimento da televisão no país, com a TV Tupi de Assis Chateaubriand. No futebol, os fracassos de 1950 e 1954 obtiveram sua redenção com a vitória, em solo europeu, do Mundial de 1958, disputado na Suécia,

Captadas por pequenas emissoras locais, ou por radioamadores, as partidas eram retransmitidas muitas vezes por alto-falantes instalados na praça principal. Essa prática atingiria um de seus momentos máximos na Copa do Mundo de 58, quando o locutor esportivo Edson Leite, da Rede Bandeirantes de São Paulo, criou a Cadeia Verde e Amarela, cobrindo o país de norte a sul. (...) Com a transmissão da partida decisiva, contra a Suécia, a Bandeirantes alcançou praticamente todo o território nacional e superou 90% de audiência (ALMEIDA e MICELLI, 2004, p.6).

O advento da televisão e sua significativa introdução nos lares brasileiros nas décadas de 60 e 70 ampliou o alcance do futebol, que se já estava popularizado com o rádio, tornou-se definitivamente um fenômeno nacional.

A televisão foi um dos meios que o governo utilizou para manutenção da ordem, e o futebol foi instrumento para a televisão para essa unificação, vale recordar, a generalização do entusiasmo popular com os jogos da seleção nas copas aprofundou-se desde a Copa de 1970, quando pela primeira vez houve transmissão direta dos jogos pela TV para o país. Em função da qualidade do futebol jogado pela equipe nacional, mas em virtude também dos efeitos produzidos pela época mais dura do regime militar, multidões crescentes desfilavam de forma carnavalesca depois de cada vitória, únicas formas de manifestação de massa espontâneas permitidas naqueles anos de chumbo, Elio Gaspari narra assim a conquista do Tri:

O país cantava: noventa milhões em ação, pra frente, Brasil do meu coração (...) Salve a seleção. Nunca se vira algo igual. Fora a primeira Copa transmitida ao vivo, e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empanturravam as transmissões dos jogos. Médici abriu os jardins do palácio do Alvorada e saiu em mangas de camisa, com uma bandeira na mão e uma bola no pé. (...) Falava-se de um 'Brasil Grande', 'Brasil Potência'. Distribuíam-se adesivos com a inscrição 'Brasil, ame-o ou deixe-o'. País, futebol, Copa, seleção e governo misturavam-se num grande Carnaval de junho (GASPARI, 2002, p.207).

Milhões de dólares foram investidos para que o Brasil tivesse transmissão a cores e ao vivo, via satélite, da Copa do Mundo de 1970, no

México. Foi justamente nessa Copa do Mundo que o Brasil conquistou o Tricampeonato e levava definitivamente a Taça Jules Rimet, oferecendo um prato cheio para a imprensa consagrar seus mitos e construir seus heróis.

Segundo Ronaldo Helal, os esquecimentos e silêncios possuem uma funcionalidade na manutenção e construção das memórias “assim os eventos são narrados pela imprensa sofrendo um processo de seleção e edição que se ajustam às demandas de afirmação da identidade do futebol-arte durante a copa de 70(HELAL; SOARES; SANTORO, 2004, p.61), dessa forma a imprensa esportiva usa a imagens dos jogos da copa para a construção de heróis, de ídolos, e mitos.

Nesse sentido volto a dizer que é fundamental perceber como a copa de 70 é vista ainda hoje e continua sendo lembrada como um exemplo de futebol bem jogado, ignorando toda uma preparação física desenvolvida por especialistas das mais variadas áreas que compunham a comissão técnica daquela seleção.

A imprensa caracterizava os jogadores como geniais, fenômenos, Desta forma, os adjetivos elevam os jogadores ao status de “ídolo”, “herói da torcida”. Às vezes um simples comentário de um especialista esportivo pode estabelecer uma “marca pessoal do jogador”.

A mídia cria ídolos, faz com que desconhecidos virem famosos da noite para o dia. Por outro lado, pode destruir uma carreira inteira de qualquer jogador ou técnico. Quanto ao futebol, esse poder de formar opiniões pode ser verificado em incontáveis exemplos: informações, narrações, notícias são dadas de maneira unidirecional (AKSTEIN, 2003, p.43).

Vale salientar que a presença do rádio no âmbito esportivo foi tão forte que as transmissões esportivas foram e são fortemente influenciadas por esse, pois os mesmos jornalistas e locutores que eram do rádio foram para a televisão, levando consigo a mesma linha narrativa, ou seja, descreviam a partida, embora as imagens falem por si só, e muitos telespectadores achavam maçantes as transmissões pela televisão, por isso a deixavam ligada e ouviam a partida pelo rádio, porque era mais emocionante.

Já nos anos 60, ocorre o declínio da rádio Pan-Americana, que era considerada A Emissora dos Esportes, anunciando o declínio de outras rádios, por causa da televisão, que direcionou as cotas de publicidade, patrocinadores e audiência. Com isso, as rádios tiveram que passar por um processo de reformulação e encontrar saídas para cobrir esse espaço.

Com o passar do tempo e das inovações tecnológicas, a presença da televisão foi cada vez maior no meio esportivo, como comprovamos em Marques:

E, com a onipresença da televisão na mediação das Copas do Mundo, a mídia impressa precisou reinventar seu trabalho diante do poderio da imagem centralizado nos monitores de TV. Um dos recursos utilizados com maior nitidez nesse processo foi a presença, também maciça, de escritores,

jornalistas, cantores, esportistas e outras personalidades que passaram a assinar diversas crônicas e colunas nos principais diários brasileiros, como forma de compensar coberturas cada vez mais frias e objetivas dos fatos, as quais obliteravam o espaço da opinião que, antes, fazia-se presente de modo explícito nas matérias ou reportagens (MARQUES apud ANDRADE & CAMARGO, 2005, p.11).

Hoje os principais veículos (jornais e revistas) dedicados ao tema são os Jornais Lance! e Jornal dos Sports, além das revistas Placar e Trivela. A TV Bandeirantes foi, nas décadas de 1980 e 1990, especializada em esportes, utilizando o slogan "o canal do esporte". A TV Globo exibe em horário nobre jogos de futebol. Nas TVs por assinatura, existem ainda o Sportv, A ESPN e a ESPN Brasil, além do Bandsports.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à limitação da abordagem do tema, é relevante salientar que não pretendemos aqui fazer um tratado sobre o assunto, nem muito menos esgotar as possibilidades de abordagem do tema. Apenas nos detivemos a analisar o futebol como elemento fundamental para a compreensão da sociedade brasileira no que diz respeito à construção da identidade nacional.

Concluimos que nessa trajetória do século XX, o papel fundamental que o futebol teve na construção da identidade nacional brasileira foi imprescindível, na medida em que foi se transformando numa paixão nacional.

Percebemos que para atingir magnitude, o futebol teve como atores, personagens que não participavam do propósito original de implantação do futebol no país; a população pobre, que ao encontrar no esporte uma maneira de se expressar e se promover o reelaborou com um requinte tipicamente brasileiro.

“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir” (DA MATTA, 1982, p. 21).

Constatamos que o futebol sempre esteve alinhado a momentos vivenciados pela sociedade brasileira, seja no que diz respeito a sua chegada, quando se deu a política de importação de valores tidos como modernos vindos da Europa, bem como nos momentos de copa quando era associado a uma política nacionalista governamental ou simplesmente quando percebemos a diminuição das áreas vazias que serviam para a prática da “pelada” em função da nova disposição urbana.

Observa-se que, através da imprensa e com a popularização e a massificação, o futebol passa a representar, já nos anos 30, um veículo de propaganda no sentido de afirmar a ideologia e o pensamento político da classe dominante representada pelo governo institucional. Assim, não descartando o uso político do futebol, mas ressaltando que nessa relação tensa entre política e futebol o esporte preservou uma relativa autonomia, pois a sua força emocional e ideológica depende muito mais dos dribles individuais do que da vontade política.

Contrariando a máxima que considera o futebol como “ópio do povo”, acreditamos que não é o esporte em si algo alienante, mas a mídia sim, o é.

O futebol brasileiro mostrou que o país tinha condições de se firmar no cenário internacional. Nesse contexto, estreitou laços entre identidade nacional, futebol e a população. No cenário internacional é bom frisar, o futebol vendia uma bela imagem, de um país moderno e vencedor, ideal para os objetivos das elites.

muito a taxar argumentos?

~~Acreditamos~~ que o futebol, por mais que tenha sido utilizado para encobrir problemas políticos e sociais é uma representação legítima da nossa brasilidade, construída ao longo do tempo.

~~Pretendemos~~ colaborar para motivação de novos trabalhos sobre o tema, para que assim a dívida histórica para com o futebol seja de alguma forma compensada.

Assim é o futebol, envolve interpretações e usos sobre ele, transforma espaços, constroem relações, cria identidades, muito mais do que um esporte, o futebol pode ser considerado um espelho do Brasil.

*Poderiam ser mais contundente,
ficou com um tom plausível*

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO, ~~1997~~, 1997.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer é Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

AKSTEIN, Daniel et al. *Craques no microfone: O Futebol, A Mídia e os Ex-jogadores*. Campinas, projeto Experimental da PUC-Campinas, 2003. Projeto Exa de PUC.

ALMEIDA, Alda de & MICELLI, Márcio. *Rádio e Futebol: gritos de gol de Norte a Sul*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Castilho, Florianópolis, 15 a 17 de abril de 2004. Disponível em: www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1301.html, Acesso em 26/06/08.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANTUNES, Fátima Martins, *Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional*. *Revista do Departamento de Patrimônio Histórico*, São Paulo, n.5, jan. 1998. S/italico

_____. *Com brasileiro não há quem possa: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. Cp.?

AQUINO, Rubem Santos Leão de. *Futebol, Uma Paixão Nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ASSAF, Roberto & MARTINS, Clovis. *Mundo das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1998.

BAUMWORCEL, Ana. *Sonoridade e resistência à rádio Jornal do Brasil nos anos 60*. Dissertação de (Mestrado) defendida em dezembro de 1999 no programa de comunicação, imagem e informação, da UFF. UFF, Rio de Janeiro. R

BELLOS, Alex. *O Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOM ^{MEIHY} ~~Meihy~~, José Carlos Sebe. *Para que ~~Serve~~ o Futebol ?*, In: FUTEBOL ~~E~~ CULTURA. Coletânea de estudos, São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. ^{Cultura}

CHIVENATO, Julio José. *O Negro no Brasil* ³ ^d *Da senzala à Guerra do Paraguai*. 3ª Ed. Brasiliense: São Paulo, 1986. (¹⁹¹¹.)

COELHO, Paulo Vinicius, *Jornalismo ~~E~~ Esportivo*, São Paulo: Contexto, 2003.

DA MATTA, Roberto et al. *O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. *Brasil: Futebol tetracampeão do mundo*. Entrevista para a Revista Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. ²

_____. *Antropologia do ~~Q~~bvio: notas em torno do significado ^{social} do futebol brasileiro*. *Revista da USP*, São Paulo; n.22, p. ? jun./ago. 1994.

DECCA, Edgar Salvadori de. *Cidadão, mostre-me a identidade!*. Cad. CEDES [online], ~~2002~~, v. 22, n. 58. ²⁰⁰² Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n58/v22n58a02.pdf>. Acesso em: 06/06/2008

FRAGA, Gerson Wasen. *Onde os jacarés não andam pelas ruas: A imprensa e os motivos da realização da copa do mundo e 1950 no Brasil*. *Revista Biblos*, v. 20, ~~Rio Grande do Sul~~, 2006.

FRANZINI, Fábio. *Futebol, Identidade e Cidadania no Brasil dos Anos 30*. *Revista Eletrônica*, n.10. ~~Buenos Aires~~. 1998. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/efd10/anos30.htm>, Acesso em: 08/06/08.

_____. *No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística*, *Revista Digital*, Buenos Aires. n. 26, ~~Out~~ ^{Out} de 2000, disponível em: www.efdeportes.com/efd26a/gfreyrel.htm, acesso em 04/06/08.

GASPARI, Elio. *A Ditadura ~~E~~ Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GLANVILLE, Brian. *O Brasil na Copa do Mundo*. Rio de Janeiro: Gráfica Lux, 1973.

GONÇANVES, Michelli, CAMARGO, Vera. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura*, Trabalho apresentado ao NP 18- Comunicação e Esporte, no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em :15/08/2008.

GORDON Jr, Cesar. *História social dos negros no futebol brasileiro*, ~~Revista de Campos~~ Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro: ~~Dep. Cultural, UFRJ~~ n.2, 1995.

GUTERMAN, Marcos, *O Futebol Explica o Brasil*, ^{2006.} ~~Dissertação de~~ ~~mestrado~~ PUC-SP, ~~2006.~~

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, D, P & A ~~Editora~~, 2003.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio; SANTORO, Marco Antonio, *FUTEBOL, Imprensa e Memória*, Revista Fronteiras e Estudos midiáticos ~~Vol. 1, n. 1, janeiro/junho de 2004.~~

HOBSBAWM, Eric. *NAÇÕES E NACIONALISMO DESDE 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. ^{p.?, jan./jun. 2004} ~~tudo min.~~

~~Introdução: a invenção das tradições~~. In: HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org). *A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997. ~~(tudo min.)~~

LEVINE, Robert. *Esporte e sociedade*, ^{e cultura} In: *FUTEBOL E CULTURA*: coletânea de estudos, São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.

LOPES José Sergio, *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP. Dossiê Futebol São Paulo, nº 22, jun/jul ago. 1994.

LOVISOLO, Hugo. *Saudoso Futebol, Futebol Querido: A ideologia da denúncia*. In: HELAL, R. SOARES, A. J, LOVISOLO . *A INVENÇÃO DO PAÍS DO FUTEBOL*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. ~~tudo min.~~

MAIA, Antonio Cavalcanti. *Diversidade Cultural, Identidade Nacional Brasileira e Patriotismo Constitucional*. Disponível em: www.casaruibarbossa.gov.br/dados/DOC/palestras/Diversidade_Cultural/FCRB_DiversidadeCulturalBrasileira_AntonioCavalcanti.pdf

Acesso em : 11/05/2008

A

MARANHÃO, Tiago Jorge, *Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre*, Revista Digital, Buenos Aires, n. 73, Junho de 2004, Disponível em: www.efdeportes.com/efd73/freyre.htm Acesso: 15/04/2008

MASCARENHAS, Gilmar. *Construindo a "pátria de chuteiras: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil"*, Ensinar e Aprender Geografia. Porto Alegre: AGB, 1998. v. 1,

_____. *Várzeas, Operários e Futebol: Uma Outra Geografia*. Geographia, n. 8, jul./dez., Niterói 2002. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_08/gilmar8.pdf. Acesso em: 14/07/2008

MATOS, Heloíza. *O discurso político oculto na comunicação do Governo Medici*, LÍBERO, ~~Ípsis gráfica e editora~~, São Paulo, n. 12, 2003.

MATTOSO, José. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1998.

NASCIMENTO, Paulo Henrique, *A Copa Do Mundo De 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo*, Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n.30, 2008. Disponível em: Acesso em 20/04/2008.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEDROSA, Milton, *A crônica esportiva e o cronista de futebol*, in O OLHO NA BOLA, Rio de Janeiro, ~~Livraria Editora~~ ^{Im!} ~~Gol~~, 1968.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PLACAR

Revista Placar. *Almanaque das Copas*. ~~Editora Abril~~ - São Paulo, ^{Ed. Abril}, 1998.

RODRIGUES, Nelson. *O escrete de loucos*. In: A PÁTRIA DE CHUTEIRAS: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, André Carazza. *A COPA DO MUNDO NO BRASIL (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros*. Revista Digital, Buenos Aires. N. 86, 2005. Disponível em: www.efdeportes.com/efd86/copa.htm, Acesso em: 26/06/2008.

SANTOS NETO, José Morais dos. *Visão do jogo - Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac e Naify edições. Vol. 2, 2002. V. 2

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, Metrôpoles e Desastros* in: Revista USP, DOSSIÊ FUTEBOL. São Paulo, n. 22, 1994.

SILVA, Alexsander; CHAVEIRO, Eguimar. *O Jogo De Bola: Uma análise socioespacial dos territórios dos peladeiros*. Pensar a Prática, Goiânia, 2007.

SOARES Antonio Jorge Gonçalves, *O "Futebol Arte" e o "Planejamento México" na Copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa*, Revista Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. set/dez de 2004.

SOUTO, Sergio Monteiro. *O Nascimento da Paixão e a Gênese da Derrota*, Trabalho apresentado no NP02 - Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05, Setembro, 2002.

SOUZA, Candice de. *A Folha de São Paulo e o País do Futebol: narrativas jornalísticas da nação e o debate de 1997 sobre o futebol brasileiro*, História: Questões & Debates, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, 2003.

SUGIMOTO, Luiz, *Ary Barroso Ajudou a Plantar O Maracanã*. Jornal da Unicamp, Ed. 210, 22 de abril a 4 de maio de 2003.

WITTER, José Sebastião, *A várzea não morreu*, in: FUTEBOL E CULTURA: coletânea de estudos, São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.
cultura